

# Artigos

## A LÓGICA SUBJACENTE À VARIAÇÃO ENTRE AS FORMAS POSSESSIVAS DE TERCEIRA PESSOA: SEU VERSUS DELE

Ana Lúcia Müller\*

**RESUMO:** Este artigo dedica-se a discutir estudos baseados em corpora de língua oral sobre a alternância *seu versus dele* no português brasileiro. O objetivo é mostrar que existe uma relação entre o tipo semântico do sintagma nominal antecedente e a escolha de uma ou de outra forma. O artigo discute também o possível desaparecimento do *seu* de terceira pessoa de nossa língua e opta por uma hipótese de especialização desta forma na recuperação de sintagmas nominais não referenciais.

**PALAVRAS-CHAVE:** *possessivos; anáfora; denotação; correferência; português brasileiro.*

### 1. AS FORMAS POSSESSIVAS E A RECUPERAÇÃO DE SEUS ANTECEDENTES

O ponto de partida para pensar a distribuição das formas possessivas de 3ª pessoa foram os resultados da pesquisa de Adriana Almeida<sup>1</sup>(1993). Esse trabalho investiga as formas possessivas *seu(s)*, *sua(s)* em seu uso de terceira pessoa e a forma *dele(s)*, *dela(s)* no português de São Paulo em relação ao tipo semântico de seu antecedente. O *corpus* utilizado para a pesquisa de Almeida (1993) compõe-se das seguintes gravações do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta do Brasil (Projeto NURC): DID 18, DID 124, DID 137, DID 161,

---

(\*) Universidade de São Paulo.

Agradeço a Rodolfo Ilari e Sérgio Menuzzi que leram e comentaram uma primeira versão deste artigo. Agradeço também aos participantes dos Seminários de Teoria Gramatical do Departamento de Lingüística da USP – Carlos Franchi, Esmeralda Vailati Negrão, Mirta Goppi, Evani Viotti, Susan Franchetti, Maria José Foltran e Paulo C. de Souza pelos comentários quando da apresentação da primeira versão deste trabalho. Finalmente, agradeço aos dois pareceristas anônimos e peço desculpas por não conseguir incorporar algumas de suas sugestões.

(1) Trata-se de uma pesquisa de iniciação científica realizada com bolsa do convênio USP/CNPq, sob orientação de Esmeralda Vailati Negrão e minha.

DID 234, DID 251, D2 62, D2 255, D2 333, D2 360, D2 396 e EF 377 – todas feitas no estado de São Paulo.

“O Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta do Brasil (Projeto NURC) tem por finalidade documentar e descrever a norma objetiva do português culto falado no Brasil” (Castilho & Preti, 1986:2) e possui um *corpus* que consiste em um conjunto de gravações realizadas na década de '70, em cinco capitais brasileiras, registrando a fala de pessoas nascidas nestas capitais, de diferentes faixas etárias e com nível de instrução universitário, expostas a três situações discursivas: aulas e conferências (Eloquções Formais – EF), entrevistas (Diálogo entre Informante e Documentador – DID) e diálogos (Diálogos entre Dois informantes – D2)<sup>2</sup>.

Foram levantadas todas as ocorrências de terceira pessoa das formas possessivas *seu(s)*, *sua(s)* e *dele(s)*, *dela(s)*, correlacionando-as a seus sintagmas nominais antecedentes. O antecedente em questão foi buscado no texto como um todo e não apenas na sentença que continha a forma possessiva. Quando o antecedente imediato era uma forma pronominal, a busca prosseguia até o encontro do sintagma nominal pleno capaz de esclarecer o conteúdo semântico deste antecedente.

A substituição de *seu(s)/sua(s)* por *dele(s)/dela(s)* tem sido assumida como um fato consumado nos trabalhos sobre o assunto<sup>3</sup>. Os trabalhos de uma orientação a que poderíamos chamar de funcionalista<sup>4</sup> dão como causa dessa substituição a grande ambigüidade da forma *seu*, ambígua tanto na recuperação da pessoa do antecedente (este pode ser de segunda ou de terceira pessoa) quanto no gênero e número deste, contrapondo-se à forma não ambígua *dele*. Já os trabalhos de orientação gerativista<sup>5</sup> afirmam

---

(2) Para maiores detalhes sobre o Projeto NURC ver Castilho & Preti (1986).

(3) Ver, por exemplo, o debate entre Mary A. Kato e Mario A. Perini na revista D.E.L.T.A., vol. 1, nºs 1 e 2 (1985), os trabalhos de Cisele Machline de O. e Silva (1982), (1984), (1991) e (1996) e, mais recentemente, o trabalho de Vicente Cerqueira (1993).

(4) Este é o caso de Perini (1985), Silva (1984, 1991) e Castilho (1992).

(5) Ver o trabalho de Cerqueira (1993) e os outros trabalhos em Roberts & Kato (1993).

que esta substituição seria causada pelo enfraquecimento geral da concordância no português brasileiro.

Os resultados da pesquisa de Almeida (1993) mostram as duas formas possessivas ocorrendo com frequência significativa no *corpus* examinado, conforme se pode ver na tabela 1, em que a frequência de *seu* é de 44,2% e a de *dele* é de 55,8%. Estes dados são interessantes porque evidenciam que, pelo menos para o *corpus* examinado, a forma *seu* estava longe da extinção, pois as frequências de ambas as formas estão bastante próximas.

forma possessiva	<i>seu</i>	<i>dele</i>	TOTAL
número ocorrências	73	92	165
percentagem	44,2%	55,8%	100%

Tabela 1: Frequência das formas possessivas de terceira pessoa. (Elaborada a partir do *corpus* de Almeida, 1993).

Uma objeção poderia ser levantada: os dados do *corpus* são “velhos”, têm mais de duas décadas, e são todos dados da cidade de São Paulo. No entanto, além do fato de que a descrição desse *corpus* se justifica em si mesma e de não de haver muitos *corpora* de língua oral disponíveis, sua comparação com levantamentos com outra composição social (Silva, 1982), com levantamentos mais recentes (Silva, 1995) e com um *corpus* nacional formado a partir do *corpus* do Projeto NURC (Neves, 1993) mostra resultados coerentes<sup>6</sup>. Por outro lado, meu intuito ao usar levantamentos empíricos não é uma argumentação basicamente quantitativa, pois o uso de *corpora* de língua oral neste artigo serve principalmente como ponto de partida para levantamento de questões e como maneira de evitar a limitação a dados de intuição que às vezes enganam. Nesse sentido, os

(6) Estes levantamentos serão comentados no decorrer do artigo.

dados do *corpus* de Almeida (1993) são coerentes com minha intuição de falante nativa e com as intuições de outros falantes nativos com os quais os chequei.

O levantamento deixou de lado o *seu* que retomava um *você* indeterminado que ocorreu com bastante frequência no *corpus*, e está ilustrado em (1). Foram também excluídas três ocorrências de *por sua vez*, uma ocorrência de *na sua maioria* e uma ocorrência da expressão *na dele*, ilustradas em (2), (3) e (4). As exclusões destes casos de “frases feitas” alteram as frequências obtidas em menos de 1%.

(1) “**você** no teatro é tudo ... **você** vai interpretar os maiores gêneros de vida **você** vai conseguir focar para *sua* própria vida...” (NURC/SP-161).

(2) “a roda virando movimenta o **eixo dela** que **por sua vez** movimenta outras engrenagens...” (NURC/SP-18).

(3) “os **rapazes** berram e berram porque **to/... na sua maioria** são pais de família ...” (NURC/SP-360).

(4) “...às vezes a cidade é pequena o sujeito conhece o problema do outro mas também vive **na dele** com se diz na gíria né?” (NURC/SP-255)

Como um primeiro exame dos dados do *corpus* de Almeida (1993) apontava para uma possível correlação entre a escolha da forma possessiva *seu* ou *dele* e o tipo de denotação do sintagma nominal antecedente, a autora classificou os sintagmas nominais antecedentes conforme seu tipo semântico, ou seja, conforme o tipo de denotação que possuíam em seu respectivo contexto. A grade conceitual utilizada por Almeida (1993) para classificar o tipo semântico de cada sintagma nominal antecedente foi a

seguinte: (i) sintagmas nominais específicos: nomes próprios e sintagmas nominais com referência específica, como ilustram (5) e (6); (ii) sintagmas nominais não-específicos: sintagmas nominais definidos e indefinidos que não possuem uma referência específica, mas sim hipotética, como ilustram (7), (8) e (9); e (iii) sintagmas nominais genéricos: sintagmas nominais que têm por referência uma classe e não um ou mais indivíduos ou entidades específicas, como ilustram (10) e (11).

(5) “... foi a primeira peça que o **Ziembinski** apresentou em toda a vida **dele** na carreira **dele**...” (NURC/SP-161)

(6) “L2 ... então eles não aceitam muito **a pajem** né para eh... aliás não é pajem é arrumadeira mas

L1 ()

L2 quer dizer não é só não vive em função deles mas de manhã a única função **dela** é me ajudar com eles...” (NURC/SP-360)

(7) “... **O CIDADÃO**... não adianta... quer ir a um clube e não pode quer ir fazer uma viagem e não pode... principalmente que... em se falando de viagem existem outros problemas piores... é o medo... de um bandido ... de um desgraçado ... acabar com a vida da família **dela** num desastre... numa estrada” (NURC/SP-161)

(8) “você vê nas ruas eh:: os tipos mais disparatados desde **o inglês tradicional** com **seu** chapéu ...” (NURC/SP-137)

(9) “... às vezes **um estudan::um rapaz** que paga **seus** estudos com sacrifício ele não pode ter dinheiro nunca para ir ao teatro...” (NURC/SP-161)

(10) “... **o telégrafo** vai até perdendo **sua** importância” (NURC/SP-255)

(11) “acho que **a televisão brasileira** ... irá encontrar **seu** caminho” (NURC/SP-03)

Os tipos semânticos dos sintagmas nominais foram então colocados em correspondência com a forma possessiva utilizada para sua retomada e os resultados obtidos, expressos na tabela 2, são indício de que estas formas estariam se especializando segundo o eixo semântico da referencialidade. Nesta classificação, Almeida (1993) deixou de lado o pronome possessivo *seu* cujo antecedente era um nome próprio de instituição (10 ocorrências), porque este tipo de nome próprio possui um comportamento semântico bastante diferente do nome próprio de pessoa, e é na quase totalidade de suas ocorrências (9:10) retomado pela forma *seu*.

	ANTECEDENTE		
	ESPECÍFICO	NÃO-ESPECÍFICO	GENÉRICO
<i>dele</i>	76%	54%	6%
<i>seu</i>	24%	46%	94%

Tabela 2: Tipo semântico do sintagma nominal antecedente e forma possessiva correspondente (cf. Almeida, 1993)<sup>7</sup>.

Os resultados obtidos na tabela 2 são muito claros nos dois extremos do que se poderia chamar de “níveis de referencialidade”: os sintagmas nominais específicos são mais freqüentemente retomados pela forma *dele* (76% das ocorrências), ao passo que os sintagmas nominais genéricos são em sua esmagadora maioria retomados pela forma *seu* (94% das ocorrências). Numa primeira análise desta tabela, poderíamos dizer que a forma *seu* retoma sintagmas nominais genéricos, enquanto que a forma *dele* tende a retomar sintagmas nominais referenciais.

Já as percentagens referentes aos sintagmas nominais não-específicos são mais difíceis de serem interpretadas. Nesta classificação foram incluídos

(7) Lamentavelmente, o trabalho de Almeida apresenta apenas as percentagens, omitindo os números absolutos.

tanto alguns sintagmas quantificados, como é o caso de (12), quanto alguns sintagmas nominais cujas denotações escapam às classificações usuais, como (13) (a) e (14) (a). O critério empírico utilizado para classificar os sintagmas nominais em (13) (a) e (14) (a) como não-específicos e não como genéricos foi a possibilidade de substituição do artigo definido pelo artigo indefinido sem alteração de significado, como se pode ver em (13) (b) e (14) (b), juntamente com a idéia de que estes sintagmas ao invés de denotarem o conjunto de todos os indivíduos de uma espécie, ou mesmo a espécie a enquanto um todo (“kind”) denotavam algo como indivíduos prototípicos de uma determinada espécie. Já para alguns sintagmas quantificados, como em (12), a idéia foi a de que, apesar de não serem específicos, estes sintagmas eram, de alguma forma, “referenciais” e não genéricos.

(12) “há 30% dos alunos que dispõem de boas escolas... próximas à *suas* casas...” (NURC/SP-255)

(13) a. “o indivíduo põe um capital todo *dele* em investimentos...” (NURC/SP-62)

b. um indivíduo põe um capital todo *dele* em investimentos...

(14) a. “o artista que pode se ver diariamente numa telenovela ... ela verá logo *seus* cacoetes...” (NURC/SP-333)

b. um artista que pode se ver diariamente numa telenovela ... ela verá logo *seus* cacoetes...

Esta classificação dos sintagmas nominais em relação ao tipo de referência que realizam não é sem problemas tanto teórica quanto empiricamente. No plano teórico, a discussão sobre a denotação dos sintagmas nominais tem uma história longa e rica. Quanto aos problemas empíricos desta classificação, eles aparecem porque nem sempre é evidente como classificar a denotação de um sintagma nominal em um determinado



contexto. No trecho em (15), por exemplo, o sintagma nominal (doravante também SN) *um cinturão de couro* seria um específico ou um não-específico? Já em (16) *o sujeito* seria não-específico ou genérico?

(15) "... um índio ... que foi trazido ... de uma reserva ... do norte do Canadá... para Ottawa se não me engano ... uma das cidades canadenses... levaram esse índio para ver tudo pela primeira vez que ele tinha contacto com uma cidade ... no mundo do ocidente ... quer dizer ele passou por aquilo olhando .. de repente ele parou embasbacado ... ficou olhando ... o quê? ... um indivíduo subindo num poste elétrico ... para consertar fios ... coisa equivalente ... esse indivíduo tinha **um cinturão de couro**... não sei se vocês já viram isso nas ruas de São Paulo... não é? tem **um cinturão de couro** que tem nos calcanhares uma espécie de esporão no... no — eu acho que isso não há mais nas ruas de São Paulo porque ...”(NURC/SP)<sup>8</sup>

(16) "**o sujeito** monta uma fábrica na beira de um rio né? ... quer dizer em primeiro lugar... entende? vêm as *suas* preocupações pessoais ...”(NURC/SP-255)

Evidentemente, os problemas que levanto são de certa forma relativos à classificação utilizada: genérico, não-específico, específico. Não pretendo afirmar aqui que estas questões não têm solução possível. As soluções, entretanto, passariam por uma melhoria da grade classificatória usada por Almeida (1993) e por uma reclassificação do *corpus*. Estas tarefas, que não serão empreendidas no corpo deste trabalho, no entanto, estão longe de ser triviais, pois, pelo menos aparentemente, nenhuma das classificações teóricas conhecidas dá melhor conta dos dados do que a adotada por Almeida. E, apesar de não ser totalmente satisfatória, a classificação adotada

---

(8) Exemplo 4 de Ilari (1993).

é bastante útil para uma primeira abordagem dos dados, indicando a possibilidade de uma relação entre o tipo de denotação do sintagma nominal antecedente e a escolha de uma ou de outra forma possessiva.

Para tentar um primeiro esclarecimento sobre o comportamento das denotações dos sintagmas nominais e sua relação com a seleção de um determinado tipo de possessivo, vou examinar mais atentamente a relação anafórica estabelecida entre um antecedente quantificado e a forma possessiva que o retoma. A escolha desta forma se deve ao fato de que os sintagmas nominais quantificados não são, na quase totalidade de seus usos, específicos, pois não selecionam entidades determinadas, únicas e específicas no universo do discurso. Estes sintagmas são, portanto, bastante interessantes para um exame mais aprofundado da relação entre o tipo de denotação do antecedente e a forma possessiva que é escolhida para retomá-lo, exatamente na faixa em que os primeiros resultados se mostram nebulosos.

FORMAS POSSESSIVAS	seu(s)/sua(s)	dele(s)/dela(s)	TOTAL
número de ocorrências	10 100%	0 0%	10 100%

Tabela 3: Antecedentes quantificados e a forma possessiva correspondente (elaborada a partir do corpus de Almeida, 1993).

A tabela 3 mostra que este caminho “semântico” que atenta para a natureza do antecedente e da relação parece apropriado, pois a homogeneidade dos seus resultados chama a atenção: sempre que o antecedente é um sintagma nominal quantificado, a forma possessiva escolhida para retomá-lo foi a forma *seu*. Nestes casos, vemos que o funcionamento de *seu* é um funcionamento de variável presa por um quantificador, pois semanticamente os sintagmas nominais quantificados como, por exemplo, “todo mundo”, “cada um” e “30% dos alunos”,

determinam os valores que podem ser atribuídos aos elementos pronominais sob seu escopo. As ocorrências estão listadas em (17)-(24):

(17) “aquilo que a gente vê em filmes ou em fotografias: **todo mundo** ali à beira da calçada tomando **seu** chopes tomando **sua** cerveja...” (NURC/SP-137)

(18) “tem que **cada um** pegar **sua** lancheira...” (NURC/SP-360)

(19) “... **cada um** dentro... do seu gosto não seria da **sua** especialização ainda mas do **seu** gosto né? (NURC/SP-251)

(20) “...então **todo** artista deve sabe: : ah: :o conteúdo da peça... e o que vai aconteê/e conhecer bem a peça...e...com seu talento...” (NURC/SP)

(21) “... a gente observa assim **cada um TEM**...o seu gosto sabe? ...cada um tem as **suas** características embora...mesMo mei::o mesma educação...” (NURC/SP-360)

(22) “...embora eles sejam de times contrários...eles...**cada um** torce...

L2 para o seu

L1 para o seu e não há incompatibilidade assim...” (NURC/SP-360)

(23) “então **cada** indivíduo...realiza o **seu** teste e:: obtém uma nota...” (NURC/SP-377)

(24) “há **trinta por cento** de **alunos** que:: dispõem de boas escolas...próximas às **suas** casas...” (NURC/SP-255)

A interpretação dos resultados da tabela 2 à luz da relação entre sintagmas quantificados e a preferência pela retomada pela forma *seu* (tabela

3), é um tanto mais complexa<sup>9</sup>. Vamos tentar interpretar suas partes bem comportadas – a retomada dos sintagmas nominais específicos e dos sintagmas nominais genéricos.

Os SN's classificados como específicos denotam sempre indivíduos determinados e conseqüentemente é muito improvável que precisem ser analisados, à semelhança do que ocorre com os sintagmas nominais quantificados, como operadores que prendem variáveis – eles estabelecem usualmente uma relação de correferência com o possessivo. Desta forma, temos uma primeira pista para interpretar a preferência destes sintagmas por uma retomada com *dele* (76%), a forma referencial por excelência<sup>10</sup>.

Já uma primeira explicação para o comportamento dos genéricos (94% de ocorrências com retomada por *seu*) seria o fato de que estes nunca são referenciais no sentido de que nunca apontam para um indivíduo determinado e, portanto, não poderiam ser retomados pela forma *dele*. Uma semelhança entre sintagmas nominais quantificados e de sintagmas nominais genéricos é a sua ausência de especificidade.

O comportamento do genérico é muitas vezes explicado pelos semanticistas como equivalente a uma quantificação universal. Em (25), por exemplo, o SN “o telegrama comum” seria interpretado como “**todo telegrama comum**” (x (telegrama comum:x)) e a variável passa a percorrer todos os membros da classe dos telegramas comuns. Esta é apenas uma primeira pista para a compreensão da semelhança de comportamento entre SN's quantificados e SN's genéricos, pois nem todos os semanticistas concordam com a possibilidade de se analisar o genérico como uma quantificação<sup>11</sup> e esta análise certamente não funciona para todos os tipos de sintagmas nominais usualmente classificados como genéricos. A sentença

---

(9) Na verdade, seria interessante refazer a tabela 2 separando-se os quantificadores, mas, devido a forma de apresentação dos dados, isto não foi possível. De qualquer modo, a classificação à parte dos sintagmas nominais quantificados não afetaria as percentagens obtidas na tabela 2 de modo significativo, pois o número de ocorrências de sintagmas nominais quantificados é baixo: 10, em relação ao número total de ocorrências: 165.

(10) Sobre o pronome *ele* como estritamente referencial, ver Galves, 1986.

(11) Ver, por exemplo, Carlson (1977) e (1982) e Heim (1982).

(26), por exemplo, não é falsa se o predicado *pisar na Lua* não for verdadeiro de todos os homens. Uma explicação possível para a semelhança entre o comportamento dos sintagmas quantificados e genéricos no *corpus* estudado é que a divisão entre genéricos e não-específicos feita por Almeida (1993) talvez tenha separado exatamente os dois tipos de genéricos exemplificados por (25) e (26).

(25) “o telegrama comum vai perder toda a *sua* importância diante do telefone, não é?” (NURC/SP)

(26) O homem pisou na Lua em 1969<sup>12</sup>

A hipótese que irei defender neste artigo, baseada nos fatos empíricos expostos acima, é a de que há uma **especialização** entre as formas possessivas de 3ª pessoa – *seu* é a forma lexical escolhida para funcionar como variável presa; e *dele*, a forma escolhida para expressar correferência.

## 2. ESTUDOS QUANTITATIVOS SOBRE AS FORMAS POSSESSIVAS DE TERCEIRA PESSOA

Passo agora a discutir outros levantamentos empíricos sobre a alternância entre *seu* e *dele*.

Neves (1993), em um artigo sobre os possessivos, realiza um levantamento quantitativo da ocorrência de formas possessivas no *corpus* mínimo estabelecido pelo Projeto da Gramática do Português Falado<sup>13</sup>. Este *corpus* mínimo seleciona um representante de cada tipo de discurso dos *corpora* do Projeto NURC para as seguintes capitais: Rio de Janeiro, Salvador, Recife, São Paulo e Porto Alegre. Seus resultados confirmam nossa

---

(12) Exemplo (4) de Lopes (1992).

(13) Para maiores detalhes sobre o Projeto da Gramática do Português Falado, ver Castilho 1990:19.

afirmação de que, pelo menos para a norma urbana culta falada na década de 70, é bastante arriscado falar em desaparecimento ou mesmo em um processo de substituição da forma possessiva *seu*, em seu uso de 3ª pessoa, pela forma *dele*. Em seu Quadro 2 (p.156, *op. cit.*), que reproduzo abaixo na tabela 4, Neves compara a ocorrência das formas possessivas *seu* e *dele* para os diferentes tipos de discurso documentados pelo Projeto NURC. É surpreendente notar que em nível nacional, para todos os tipos de discurso, mesmo nos mais informais, a forma *seu* é bastante freqüente, formando aproximadamente 70% das ocorrências das formas possessivas de 3ª pessoa.

TIPO DE INQUÉRITO	seu		dele		TOTAL
EF	67	90,5%	7	9,5%	74
D2	20	33,3%	40	66,7%	60
DID	55	74,3%	19	25,7%	74
TOTAL	142	68,3%	66	31,7%	208

Tabela 4: Ocorrência de formas possessivas de 3ª pessoa no corpus mínimo. (Reprodução do Quadro 2 em Neves, *op.cit.*:156).

Silva (1982) e (1984), em um estudo sociolinguístico sobre a distribuição das formas possessivas *seu* e *dele*, encontra 25% de ocorrências da forma *seu* no total das formas possessivas de 3ª pessoa, percentagem ainda bastante significativa e da qual não se pode inferir o desaparecimento deste possessivo da língua oral no português do Brasil. Estes dados podem ser examinados na tabela 5. O *corpus* oral de Silva (1982) e (1984) é também da década de 70 e compõe-se de "... gravações de Maria Martha Pereira Scherre realizadas a partir de entrevistas a Universitários e as do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) feitas para a pesquisa 'Competências Básicas do Português,'" (Silva, 1984:57) – uma composição

MÜLLER, Ana Lúcia. *A lógica subjacente à variação entre as formas possessivas de terceira pessoa: seu versus dele.*

bem diversa da dos *corpora* do Projeto NURC utilizados por Almeida (1993) e Neves (*op. cit.*).

Universitários	Alfabetizando	total
229/296 = 77,4%	256/351 = 72,9	485/647 = 75%

*Tabela 5: Aplicação de dele. Diferença entre dois corpora orais. (Elaborada a partir da Tabela 3.1 de Silva, 1982:179).*

Outro dado interessante da pesquisa de Silva, expresso na tabela 5 acima, é que não há diferença quantitativa significativa entre o uso das duas formas possessivas de 3ª pessoa entre níveis culturais tão diferentes quanto estudantes universitários e estudantes em vias de alfabetização do MOBREAL. Este resultado nos permite inferir que a escolha entre *seu* e *dele* não é uma escolha relacionada ao nível cultural do falante. Por esta razão, poderemos relacionar, em muitos casos, os dados de Silva aos outros dados obtidos em pesquisas que fazem uso dos *corpora* do Projeto NURC. A variação nos resultados nas diversas pesquisas deverá ser atribuída a outro tipo de diferenças entre os *corpora* pesquisados, que não o nível cultural. Ela poderá se dever, por exemplo, a fatores regionais ou, muito provavelmente, ao tipo de interação documentada que favorece o aparecimento de um discurso mais ou menos “referencial”.

Já o trabalho de Silva (1991) sobre a relação entre a “definitude” do antecedente e a variação entre *seu* e *dele* foi feito sobre um *corpus* formado por 48 entrevistas com adultos, as quais fazem parte do “*Corpus Censo*”, 6 entrevistas de São Paulo do Projeto NURC, 24 entrevistas do Rio de Janeiro deste mesmo projeto e mais entrevistas com 18 falantes do MOBREAL. O “*Corpus Censo*” foi coletado no início da década de 80 entre “falantes da norma não culta do Rio de Janeiro” com instrução variando entre o primeiro e o segundo grau (cf. Silva & Scherre, 1995) e os outros *corpora* são dos anos 70, como já sabemos. É um *corpus* bastante

heterogêneo tanto do ponto de vista de sua composição social, quanto em relação às épocas em que as gravações foram feitas.

Nesse trabalho, Silva elege cinco variáveis lingüísticas: animação (humano, inanimado, animais, conjunto inanimado com elementos humanos), presença do referente (com referente *versus* sem referente), especificidade (específico *versus* não específico), concreto (concreto *versus* abstrato) e forma do referente (formalmente indefinido *versus* formalmente definido). Seus resultados, a meu ver, podem ser interpretados na mesma linha dos obtidos por Almeida (1993) (Tabela 2), pois os antecedentes “não referenciais” favorecem, no sentido técnico da teoria da variação, o uso de *seu*<sup>14</sup>. Isto significa que para cada uma das variáveis, as variantes não referenciais têm maior probabilidade de ocorrer com *seu* do que a outra variante. Na tabela 6 estão resumidos os resultados de Silva em relação às variantes que nos interessam (as outras variantes favorecem *dele*).

	FREQUÊNCIA		PROBABILIDADE
INANIMADO	94/145	64,80%	.80
SEM REFERENTE	134/310	43,20%	.72
NÃO-ESPECÍFICO	108/238	45,38%	.62
ABSTRATO	23/32	71,90%	.67
FORMALMENTE INDEFINIDO	94/145	64,80%	.83

Tabela 6: Frequência geral da forma *seu* em relação ao tipo de antecedente “não definido”. (Elaborada a partir das Tabelas 1-5 de Silva, 1991:98-100).

De qualquer modo, nos pareceu prudente, num primeiro momento, examinar com mais detalhe apenas os dados relativos à cidade de São

(14) Uma probabilidade maior que 0.5 em fatores binários pode ser lida como favorecendo a aplicação da regra. Ver Naro, A. para uma descrição deste modelo probabilístico.



Paulo, pois não é evidente que as conclusões obtidas para este *corpus* possam ser estendidas, sem o devido cuidado, para todo o Brasil. Essa cautela é justificada pela observação dos dados de Neves, nos quais a proporção de ocorrências das formas *seu* e *dele* é muito díspar entre as diferentes cidades e para os diferentes tipos de discurso de uma mesma cidade. Reproduzo os dados de Neves na tabela 7 abaixo. Observem-se, por exemplo, os dados relativos à cidade do Rio de Janeiro: na Elocução Formal (EF) encontramos uma quase totalidade de *seus*, contrastando com uma quase totalidade de *deles* no Diálogo entre dois Informantes (D2) e no Diálogo Informante-Documentador (DID). Por outro lado, em Recife, o Diálogo Informante-Documentador (DID) apresenta 100% de *seus*. A única percentagem que se mantém razoavelmente constante para os diferentes tipos de discurso é a de São Paulo, onde se tem uma média de aproximadamente 32% para *seu* e 68% para *dele*.

		RJ	SSA	RE	POA	SP
EF	seu	92%	100.00%	80.00%	100.00%	40.00%
	dele	8%	0.00%	20.00%	0.00%	60.00%
D2	seu	33.33%	0.00%	46.15%	33.33%	30.56%
	dele	66.67%	100.00%	53.85%	66.67%	69.44%
DID	seu	0.00%	76.00%	100.00%	0.00%	25.00%
	dele	100.00%	24.00%	0.00%	100.00%	75.00%

Tabela 7: Distribuição por cidade das ocorrências de formas possessivas 3ª pessoa no corpus mínimo. (Retirada do Quadro 3, Neves, 1993:157).

Esta tabela mostra que o uso de médias nacionais, abarcando todos os tipos de diálogos para tirar conclusões sobre o comportamento do fenômeno, é um método pouco válido neste caso, pois a média nacional não é representativa dos diferentes comportamentos que aparecem expressos na tabela 7.

A tabela 8, construída a partir de dados de Silva (1991), ilustra o mesmo problema apontado acima, só que desta vez em relação ao tipo de *corpus* estudado. Para uma mesma faixa etária, com exceção da faixa entre 14 e 25 anos, os resultados para a frequência do uso de *seu* variam muito conforme o *corpus*. A inclusão de dados do Projeto NURC faz mais que dobrar o número de ocorrências de *seu* em relação aos dados do Projeto Censo. É bom lembrar que os dados do Projeto Censo diferenciam-se dos dados do Projeto NURC, não apenas por serem uma década mais recentes, mas também, por possuírem uma composição social e regional diferente: seus informantes têm escolaridade entre primeiro e segundo grau e são todos do Rio de Janeiro, enquanto que os informantes do Projeto NURC, considerados nesta tabela, são todos universitários e procedentes do Rio de Janeiro. Na faixa etária dos maiores de 50 anos, por exemplo, existe uma variação que vai de 0% no *corpus* do MOBREAL, 16,3% no *corpora* CENSO+NURC (Rio de Janeiro) e 9,4% no *corpus* CENSO.

	+ de 50 anos	26-49 anos	14-25 anos
só CENSO	29/308=9,4%	29/258=11,2%	12/266=4,5%
CENSO+NURC (só Rio de Janeiro)	67/411=16,3%	134/454=29,5%	12/278=4,3%
MOBREAL	0/13=0,0%	24/742=3,2%	15/240=6,3%

Tabela 8: Uso da forma *seu* quanto à faixa etária em alguns *corpora*. (Elaborada a partir da Tabela 10, Silva, 1991).

Em relação à questão de ser a alternância *seu/dele* um caso de variação estável ou de mudança, Silva (1991) e, mais recentemente, Silva (1995), conclui pelo desaparecimento de *seu*. A argumentação da autora calca-se principalmente na baixa ocorrência percentual de *seu*: 25% nos *corpora* de Silva (1982) e (1991) e 15% no *corpus* de Silva (1995). Entre os *corpora* de Silva (1982) e Silva (1995), há uma década de diferença. Já o *corpus* utilizado em Silva (1991) mistura dados das duas décadas.

Considerando-se apenas os dados relativos a Silva (1982) e (1985), se ambos os *corpora* representam um mesmo dialeto e, se os outros fatores de influência possíveis foram mantidos constantes, a conclusão da autora seria legítima. Pareceria haver uma tendência, pelo menos à diminuição da frequência do uso de *seu* para a norma urbana não culta do Rio de Janeiro.

Os dados que relacionam a faixa etária à frequência de uso de *seu* podem ser observados na Tabela 8. O exame da frequência da variante *seu* em relação ao que os sociolinguistas chamam de tempo aparente, entretanto, não nos oferecem evidências conclusivas a favor da hipótese da mudança. Para o *Corpus Censo* não encontramos o padrão crescente esperado em relação à diminuição da faixa etária – a faixa etária do meio usa mais *seu* do que as faixas extremas. No caso do *corpus* misto Censo+NURC ocorre a mesma coisa. Só no caso do *corpus MOBRAL* ocorre uma variação decrescente do uso de *seu* em relação à idade, e, mesmo neste caso, o número de ocorrências de *seu* é tão baixo que a variação me parece pouco significativa.

A ocorrência comparativamente baixa do pronome *seu* de terceira pessoa nos *corpora* de Silva (1982) – 25% – em relação aos *corpora* de Almeida (1993) e Neves (1993) – 45% e 68,3% respectivamente – não pode ser explicada como mudança, pois ambos os *corpora* são da década de 70. Esta diferença também não pode ser explicada pela sua composição social, pois os próprios dados de Silva (ver Tabela 5) mostram que tanto universitários, quanto analfabetos realizam uma mesma percentagem de *seus*. Restam-nos duas explicações possíveis: ou trata-se de dois dialetos regionais diferentes, ou trata-se de tipos de discursos diferentes.

A tese de que se trata de uma diferença dialetal é difícil de ser sustentada, dado que os fatores que favorecem o uso de *seu* – quantificação, genericidade, ausência de referente, ... – são os mesmos nos dois dialetos. Parece-me mais razoável atribuir esta diferença ao tipo de discurso documentado nos dois *corpora*. No caso de Silva (1984) e (1995), os *corpora* utilizados foram montados com o objetivo de descrever a norma

urbana não culta e suas entrevistas tentam ser o mais informais possível. A minha hipótese é a de que a diferença nos resultados se deve ao fato de que os assuntos destas entrevistas são bastante “referenciais”<sup>15</sup> causando uma maior ocorrência da forma possessiva *dele* que é a forma especializada em expressar relações de correferência.

Em relação à queda de 25% para 15% na frequência de ocorrência de *seu* entre a década de 70 e 80, esta me parece ainda inconclusiva como prova do desaparecimento de *seu*. Para uma conclusão definitiva de que o uso de *seu* realmente diminuiu, penso que os dados teriam de ser reanalisados em relação ao tipo de antecedentes que retomam, assim teremos certeza de que estes fatos não estão enviezando os resultados. Se, ainda assim, a queda na frequência de *seu* se confirmar, este fato não seria incoerente com a hipótese de um processo de especialização de *seu* enquanto forma de expressar uma variável presa.

Em resumo, os dados de Silva me parecem insuficientes para que se possa afirmar que esteja ocorrendo um desaparecimento da forma *seu* de terceira pessoa e são coerentes com a hipótese de especialização das formas possessivas em relação ao eixo da referencialidade<sup>16</sup>.

Os dados diacrônicos de Silva (1982) e (1984), guardadas as diferenças entre dados orais e escritos, corroboram a hipótese de que a forma *seu* não está desaparecendo de nosso dialeto. Apontam também para o fato de que, se houve mudança nas frequências relativas das formas possessivas *seu/dele*, esta ocorreu em nosso século. A autora selecionou mais

---

(15) Não tive acesso aos *corpora* de Silva, trata-se portanto de uma suposição baseada em minha hipótese sobre a especialização das formas possessivas e em algumas ocorrências citadas em seus trabalhos como (i), (ii) e (iii) abaixo:

(i) A cadela cuidava de seus filhos? (C38015)

(ii) Tinha uma casa e a gente de pirraça jogava pedra e quebrava o telhado *dela*. (C080632)

(iii) Você vê, uma Beija-Flor entra com não sei quantos componentes... e o limite de tempo *deles* são curto. (C421391)

(16) Ma. Aparecida T. Morais me chamou a atenção para o fato de que tendência ao desaparecimento e à especialização de formas linguísticas não são fenômenos incompatíveis, mas sim fenômenos históricos de co-ocorrência bastante provável.

MÜLLER, Ana Lúcia. *A lógica subjacente à variação entre as formas possessivas de terceira pessoa: seu versus dele*.

ou menos aleatoriamente obras representativas dos séculos XVII ao séc. XIX, “sem pretender um estudo absoluto de cada século, mas apenas a comparação entre eles”<sup>17</sup>. Observe a Tabela 9: não há um padrão de mudança no sentido de um aumento histórico da frequência de *dele*.

Câmara do RJ (séc. XVII)	Pe. Antonio Vieira (séc. XVII)	Thomás Antonio Gonzaga (séc. XVIII)	Documentos sobre a Inconfidência (séc. XVIII)	Escrava Isaura (séc. XIX)
36/118 30,5%	12/118 10,2%	33/11 28,4%	22/103 21,4%	23/325 7,1%

Tabela 9: Aplicação de *dele*. Diferença entre as frequências dos *corpora* diacrônicos. (Extralda da tabela 3.7, Silva, 1982:185).

Nas próprias palavras da autora e deixando-se de lado sua defesa da forma *dele* como a forma usada para se evitar a ambigüidade:

“Tendo verificado, através da bibliografia, que a forma *dele* sempre existiu e, por nossos dados, que a quantidade dessa forma manteve-se intacta, nos textos, a partir dos séculos XV, concluímos que a forma *dele* sempre serviu como desambigüizadora qualquer que fosse a ambigüidade (objeto/humano para a segunda/terceira pessoa deslocando-se de uma para outra quando fosse preciso.” (Silva, 1991:70)

## CONCLUSÃO

Os dados analisados podem ser vistos como coerentes com a hipótese de que ocorre uma especialização das formas possessivas *seu* e *dele* no

(17) Para os detalhes da composição deste *corpus*, ver Silva (1982:67-68).

português brasileiro em relação ao tipo de antecedente a ser recuperado: *seu* é uma forma pronominal com comportamento de variável presa e *dele* é uma forma pronominal livre, capaz de estabelecer apenas relações de correferência.

**ABSTRACT:** *This paper discusses the alternance of seu/dele as third person possessive forms in Brazilian Portuguese. It argues that there is a relation between the semantic type of the antecedent noun phrase and the choice of one or the other form. This paper also considers the possibility of seu comming to desappear from our language and argues for a specialization of this form on the recuperation of non-referential noun phrases.*

**KEY WORDS:** *possessives; anaphora; denotation; correference; Brazilian Portuguese.*

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, A.B. (1993) "Pronomes possessivos de 3ª pessoa no Português Falado de São Paulo", (mimeo).
- CARLSON, G.N. (1977) "A Unified Analysis of the English Bare Plural". *Linguistics and Philosophy* 1:413-457.
- CARLSON, G.N. (1982) "Generic Terms and Generic Sentences". *Journal of Philosophical Logic* 11:145-181.
- CASTILHO, A. (1990) (org.) *Gramática do Português Falado, vol. 1*. Campinas, UNICAMP/FAPESP.
- \_\_\_\_\_. (1992) "O Português do Brasil". In *Linguística Românica*. SP, Ática.
- CASTILHO, A. & D. PRETI (1986) *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo, Elocuções Formais, vol 1*. SP, Quairós/FAPESP.
- CERQUEIRA, V.C. (1993) "A forma genitiva "dele" e a categoria de concordância (AGR) no português do Brasil". In: I. ROBERTS & M. KATO (orgs.).
- GALVES, C.C. (1986) "A interpretação reflexiva do pronome no português do Brasil". *D.E.L.T.A.*, 2(2), 249-264.

- MÜLLER, Ana Lúcia. *A lógica subjacente à variação entre as formas possessivas de terceira pessoa: seu versus dele*.
- HEIM, I. (1982) *The Semantics of Definite and Indefinite Noun Phrases*. Tese de doutorado, U.Mass., Amherst.
- ILARI, R. (1993) "Conteúdo semântico da noção de correferência" (*mimeo*).
- KATO, M. (1985) "A complementariedade dos possessivos e das construções genitivas no português coloquial: réplica a Perini". *D.E.L.T.A.* 1 (1 e 2): 107-120.
- LOPES, A.C.M. (1992) "Aspectos da Genericidade". *Cadernos de Semântica* 6. Lisboa, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- NARO, A. (1992) In: M. C. MOLLICA. *Introdução à Sociolinguística Variacionista*. Cadernos Didáticos da UFRJ, RJ, UFRJ.
- NEVES, M.H.M. (1993) "Possessivos". IN: CASTILHO, A.T. (org.) *Gramática do Português Falado*, vol.3. Campinas, UNICAMP/FAPESP.
- PERINI, M. (1985) "O surgimento do sistema possessivo do português coloquial: uma interpretação funcional". *DELTA* 1 (1 e 2): 1-16.
- PICALLO, M.C. (1994) "Catalan Possessive Pronouns: the Avoid Pronoun Principle Revisited". *Natural Language and Linguistic Theory* 12: 259-299.
- ROBERTS, I. & M. KATO (orgs.) (1993) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, UNICAMP.
- SILVA, G.M. de O. e (1982) *Estudo da regularidade na variação dos possessivos no português do Rio de Janeiro*. Tese de doutoramento. RJ, UFRJ.
- SILVA, G.M. de O. e (1984) "Variação no sistema possessivo de terceira pessoa". *Tempo Brasileiro* 78/79: 54-72.
- SILVA, G.M. de O. e (1991) "Um caso de definitude". *Organon*, 18 (5): 90-108.
- SILVA, G.M. de O. (1996) "Os extectores da forma *seu* de terceira pessoa na língua oral". In: SILVA, G. M. de O. & M. M. P. SCHERRE (orgs).
- SILVA, G.M. de O. & M.M.P. SCHERRE (1996) *Padrões Sociolinguísticos*. RJ, Tempo Brasileiro, Depto. de Linguística e Filologia, UFRJ.